



## Mombuca, quase uma província japonesa



Fotos: Nippon On Line

Os imigrantes que desembarcaram do navio Kasato-Maru no porto de Santos, no dia 18 de junho de 1908, vieram para o Brasil graças a um acordo firmado com o governo japonês. Após uma pequena estada na Hospedaria dos Imigrantes, os japoneses foram enviados, em grupos, para seis fazendas no interior do Estado de São Paulo, entre as quais a Fazenda Guataparã. O motivo: ampliar a mão-de-obra para a colheita do café. Das primeiras 52 famílias que chegaram a Guataparã, poucas sobreviveram à febre amarela.

Determinados, esses imigrantes aos poucos perceberam que somente com a união conseguiriam conquistar a independência. Assim, nasceram parcerias e cooperativas. Os japoneses começaram a comprar terras e a desenvolver técnicas de produção agrícola.

Em 1962 foi fundada a colônia de Mombuca, também em Guataparã. A empresa JAMIC – Imigração e Colonização Ltda adquiriu terras da antiga fazenda e fez benfeitorias como diques, canais de irrigação, de drenagem etc. Em 1968, cada colono possuía um lote com 12,5 hectares. Atualmente 800 pessoas vivem na colônia, em lotes que variam de 20 a 50 hectares. Plantam arroz moti, alho, cogumelo medicinal, raiz de lótus, e é significativa a parcela que se dedica à produção de ovos. Vinte e três granjas produzem cerca de 1.100 caixas de 30 ovos por dia.

Motuca é quase uma província do Japão. Muitos dos imigrantes ainda estão em atividade, preservando a língua e os costumes japoneses. É lá que está instalada uma das poucas fábricas de tatame do Brasil. Os donos não são de muita conversa, não gostam de divulgar a quantidade de peças produzidas por mês, mas o trabalho é



*A flor-de-lótus, que desabrocha apenas uma vez por ano e é um espetáculo singular*

intenso há 40 anos, desde a fundação da empresa. A matéria-prima vem da vizinha cidade de Rincão. Feitos com hastes de arroz, o trabalho de confecção dos tatames é realizado parte por máquinas e parte de forma artesanal. Os maiores consumidores estão na cidade de São Paulo, e são restaurantes, residências e clínicas de Shiatsu.

As festas em Mombuca são concorridas. Em julho, a festa da colheita e o aniversário da colônia. Em novembro, em homenagem aos mortos, há danças e comidas típicas. Dezembro é o mês do karaokê.

Uma atração à parte é o cultivo da raiz de lótus, também conhecido como lenkon. Com essa iguaria da cozinha japonesa se faz conservas, refogados com carne e frituras. A raiz é cultivada em brejos de até um metro de profundidade. A colheita é sacrificante, pois quanto mais velha for a planta, mais profunda estará sua raiz dentro do lodo. Mas o mais bonito fica acima do nível da água: a flor-de-lótus, que desabrocha apenas uma vez

por ano, no final de janeiro, e é um espetáculo singular. Com exemplares que podem chegar a 30 centímetros de diâmetro, ela é conhecida também como lótus-egípcio, lótus-sagrado ou lótus do Egito. Os povos orientais têm esta flor como símbolo da espiritualidade, pois acreditam que ela floresça aqui na Terra somente depois de ter nascido no mundo espiritual. A flor-de-lótus também representa para eles a pureza, pois emerge limpa, imaculada, do meio de águas turvas e lodosas. É frequentemente associada a Buda, como expressão do que há de mais puro e de expansão espiritual. Em Mombuca, no período da florada, muitas pessoas esperam à beira do brejo que os primeiros raios de sol façam desabrochar as flores, que duram apenas um dia.

Nos dias de hoje a colônia japonesa no Brasil é estimada em cerca de 1.168.000 pessoas, das quais apenas 10% dedicam-se à agricultura, mas que são responsáveis por 30% do total da produção agrícola nacional.

# Acredita e investe, é assim que

**A**XIII Fenasucro, Feira Internacional da Indústria Sucroalcooleira, foi realizada em conjunto com a III Agrocana, Feira de Negócios e Tecnologia da Cana-de-Açúcar, em Sertãozinho. O evento reuniu 506 expositores, com a expectativa de gerar negócios superiores a R\$ 1 bilhão até o final do ano. Duas grandes feiras dedicadas a apenas um setor, reflexo da atual fase de expansão da agroindústria canavieira e das boas perspectivas de aumento de consumo interno e exportação de açúcar e de etanol. Em número de visitantes a estimativa inicial foi superada, atingindo cerca de 50 mil pessoas, na maioria profissionais que atuam no setor sucroalcooleiro, como empresários, técnicos e produtores de cana de diversos estados brasileiros e de outros países.

As feiras ganham, a cada edição, um caráter mais técnico e profissional que atrai empresas nacionais, tradicionais no segmento e multinacionais, que vêem a possibilidade de abrir novos nichos de mercado, tanto interna, quanto externamente. Os segmentos presentes à Fenasucro vão desde acessórios e componentes periféricos até equipamentos para armazenamento, automação, informática, telecomunicação, controle de qualidade, fundição, soldas, turbinas, motores, transmissores e serviços, entre muitos outros. Trata-se de uma gama de empresas, de todos os portes, que se complementam como fornecedoras de equipamentos para as agroindústrias canavieiras.

No momento em que se anuncia a construção de pelo menos mais 31 usinas no Estado de São Paulo, e pelo menos mais 20 em outros Estados, até 2010, cidades como Sertãozinho, Piracicaba, Sorocaba, Cravinhos, Diadema e Osasco, que concentram as principais indústrias fornecedoras, comemoram.

Em Sertãozinho a quase totalidade das quinhentas indústrias trabalham para o setor sucroalcooleiro e fazem questão de mostrar que com o nível tecnológico que conseguiram alcançar, hoje são fornecedoras de equipamentos para muitos outros setores, como papel e celulose, petroquímico, mineração, químico, citrícola, entre outros. O setor de serviços na cidade, por exemplo, é capaz de



*Imagem aérea*

montar tanto uma caldeira como um shopping center. São 10 empresas do gênero que exportam mão-de-obra especializada. As empresas de engenharia de processo também são exemplos de sucesso, da área civil à mecânica.

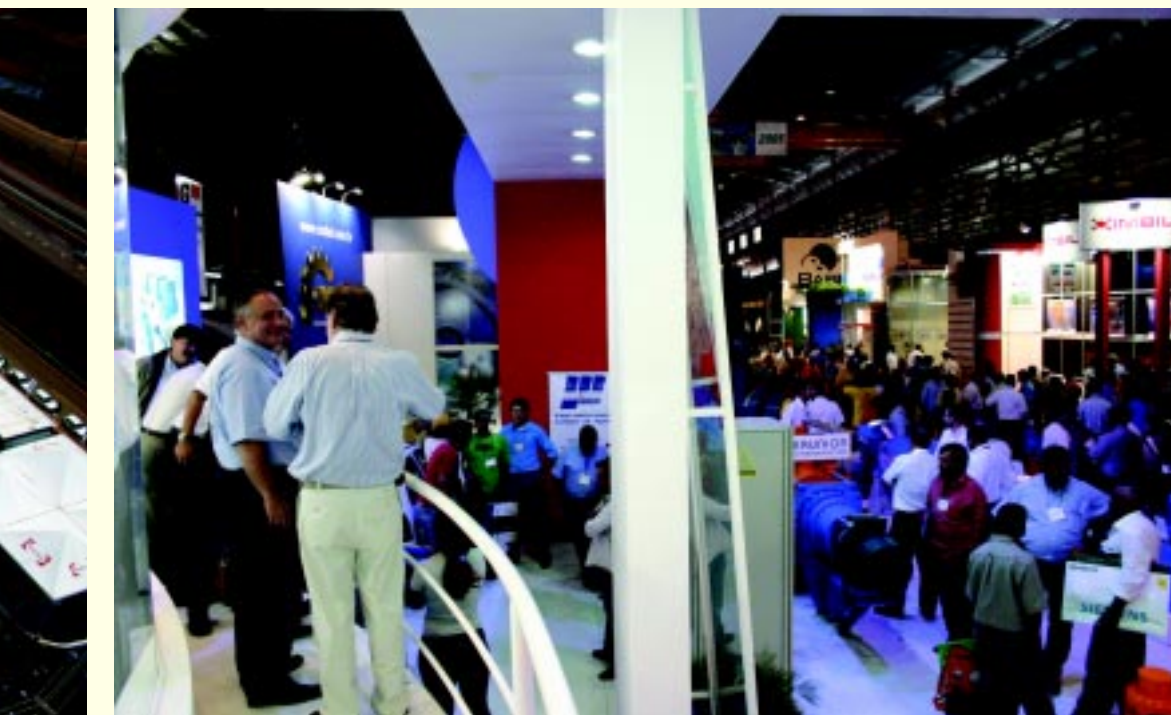
Das empresas tradicionais da cidade, grande parte nasceu em função da Zanini, pioneira na difusão de tecnologia. A Fertron, uma empresa de automação, foi fundada há 23 anos por um torneiro mecânico, ex-funcionário da Zanini, que começou oferecendo apenas assistência técnica para depois incorporar profissionais, desenvolver tecnologia e despontar em sua área de atuação. Hoje possui 200 funcionários, entre os quais 90 engenheiros, e seis filiais, as mais recentes em Maceió e em Araçatuba, locais onde estão se desenvolvendo agroindústrias canavieiras. 60% dos artigos produzidos são destinados ao setor, portanto as possibilidades de crescimento são grandes.

Para a Smar, uma das maiores fabricantes de transmissores e controladores digitais, o setor sucroalcooleiro representa entre 5 e 10% de seu faturamento. O primeiro é o de gás e óleo, com 30%. Mesmo assim as perspectivas de crescimento são otimistas. No ano passado a quantidade produzida para a cadeia produtiva do açúcar e do álcool aumentou 70%.

Cada indústria que monta um equipamento incorpora componentes de outras tantas. No caso das caldeiras, entre 15 e 20 fabricantes trabalham juntos. Um fornece sopradores, outros, filtros, válvulas, bombas, ventiladores e rolagens, para citar alguns. A Caldema que está montando a maior caldeira do mundo, se inspirou nos modelos europeus de co-geração para atender ao aumento de demanda por equipamentos com capacidade superior a 200t/h. A geração de energia elétrica é mais um dos segmentos do setor sucroalcooleiro e agora ganha fôlego com a possibilidade da energia gerada a partir do bagaço de cana entrar para a matriz elétrica nacional. Com esta possibilidade, ganham também as indústrias de redutores, turbinas, geradores e afins.

Para o diretor do Centro das Indústrias de Sertãozinho - Ceise, Mario Garreia, a indústria tem sentido, por enquanto, apenas o impacto positivo do bom momento que vive o setor sucroalcooleiro. A sazonalidade diminuiu. Até o ano passado as empresas passavam de 4 a 5 meses por ano com poucos pedidos em carteira. Hoje não chegam a 2 meses, mas isso, segundo ele, é reflexo da exportação, que aumentou cerca de 30% para as indústrias da cidade. O crescimento do mercado interno ainda não afeta o ritmo de produção.

# e funciona a iniciativa privada



da Fenasucro e Agrocana 2005

genharia, via uma trading de Ribeirão Preto, estão fechando grandes negócios. O governo da Venezuela, grande produtor de petróleo, vai construir uma usina de álcool e açúcar a um custo de US\$100 milhões, usando tecnologia 100% brasileira. O mercado mexicano é outro que começa a se abrir, além do chinês, japonês e indiano, o que comprova que o “boom” do setor sucroalcooleiro tem sido levado pela tecnologia e não pela política. O resultado desse investimento tecnológico é a

geração de riquezas para o país, a geração de empregos e a distribuição da renda.

Para Manoel Ortolan, presidente da Orplana, Organização dos Plantadores de Cana da Região Centro Sul e da Canaeste, que congrega produtores do oeste do Estado de São Paulo, o grande desafio será o mercado interno. Segundo ele, até 2010 será necessário aumentar em 7 bilhões de litros a produção de álcool no país, que hoje é de 15 bilhões de litros.

O grande sucesso do motor flex fuel (bicombustível), que hoje representa mais de 60% da produção da indústria automobilística brasileira, exige preparo do setor e é preciso não esquecer a parte agrícola. O crescimento de área plantada e a instalação de novas unidades industriais estão ocorrendo na região de Araçatuba. Grupos tradicionais do estado e outros da região norte e nordeste do país estão fazendo grandes investimentos. A iniciativa privada está pronta para não perder o bonde da história, antes que outros países desenvolvam tecnologias tão eficientes quanto a brasileira na geração de energias alternativas, limpas e renováveis. Com a Fenasucro é possível perceber como a cadeia produtiva do setor sucroalcooleiro reage e acredita no seu negócio.

As possibilidades de desenvolvimento tecnológico para o setor canavieiro são extraordinárias. Começa no campo, com as pesquisas de variedades. Atualmente os maiores investimentos são feitos pela iniciativa privada. No VII Fórum Nacional do Álcool uma das pesquisas apresentadas foi a que possibilitará triplicar a produção de etanol utilizando as variedades existentes e sem aumentar a área plantada, com o desenvolvimento de tecnologia que permitirá a produção de etanol a partir da celulose. Vem ganhando espaço o sensoriamento remoto dos canaviais, com tratores e implementos desenvolvidos especialmente a cultura. A plantadora de cana, exposta pela Tracan, na Agrocana, fruto de 8 anos de trabalho, foi a primeira desenvolvida para o plantio de cana em toletes, em duas linhas. Hoje 25 destas estão trabalhando no campo, 4 já foram vendidas para o mercado exterior. Ela é um complemento da mecanização da colheita, já que a mão-de-obra disponível para o plantio é cada vez menor, e praticamente inexistente na região oeste de São Paulo e em Goiás, onde as novas agroindústrias estão se instalando.

Empresas de diversos segmentos estão enxergando no setor sucroalcooleiro uma oportunidade de crescimento de “market share”.

Dois bons exemplos vêm de empresas estreadas na Fenasucro. A Wirex Cable, que produz cabos de energia, esperou três anos por um espaço na feira. Sediada em Diadema, na grande São Paulo, era especializada em telecomunicações e concessionárias de energia, até 1999. Com a queda desse mercado buscou o crescimento no agronegócio e hoje é uma das maiores fornecedoras para o setor sucroalcooleiro, a 3ª maior do segmento do país.

Outra nova empresa que surgiu voltada para o setor é a WBA, criada para ser a divisão de açúcar de duas multinacionais: a Falk, americana e a Flender, alemã, com a PTI-Falk, nacionalizada, todas fabricantes de redutores de diferentes especificações. A junção dessas empresas aconteceu para atender ao amplo leque de aplicações em usinas, do portão à moenda, e também para oferecer para o setor a possibilidade de assistência técnica 24 horas, uma vez que, durante a safra as usinas trabalham ininterruptamente.

A exportação é um capítulo à parte. O Centro das Indústrias de Sertãozinho já publicou seu anuário em três línguas, para atrair clientes do mercado externo, já concretizado para as empresas maiores, mas ainda pouco explorado pelas menores. O consórcio tem sido a saída. Cinco indústrias e uma empresa de en-

## Guatapará, uma cidade feita de pequenas vitórias

O nome Guatapará é originário de uma caça extinta na região, também conhecida como “Veado Cervo”. Antes de se tornar município Guatapará era uma fazenda moderna e arrojada, uma das maiores da região de Ribeirão Preto, e chegou a ter dois milhões de pés de café. Formada em 1885, refletia o pensamento de seu fundador, Martinho da Silva Prado. Era dividida em quatro grandes sessões, nas quais foram construídos mais de 500 edifícios entre casas, oficinas, depósitos, farmácia, hospital, mercearia, hotel, igreja e até uma fábrica de cerveja. Era uma verdadeira cidade com cerca de 2.100 moradores, a maioria imigrante, que escrevem até hoje sua história, principalmente os japoneses. Em 1938 foi criado o distrito de Guatapará, que devido a sua importância econômica possuía 2 estações ferroviárias que o ligava a várias cidades da região.

Localizado muito longe da sede, Ribeirão Preto, cerca de 60 quilômetros, sempre foi um desejo da população local a emancipação política para garantir os investimentos necessários, o que só ocorreu em 1990. A cidade conquistou a partir daí escola municipal, posto de saúde, iluminação pública e asfalto. Mas com apenas 15 anos há ainda muito a fazer. O orçamento de R\$ 8 milhões vem basicamente da arrecadação de ICMS e do Fundo de Participação dos Municípios. Segundo a Prefeitura, 25% são aplicados na saúde. A cidade tem médicos especialistas e atendimento 24 horas na unidade central de saúde. Outros 25% são aplicados na educação, o que não aconteceu nos anos anteriores, tanto que a cidade deixou de receber verbas estaduais e federais. São 1.500 alunos, do ensino infantil ao ensino médio, dos quais 500 moradores da zona rural e que são transportados diariamente para a cidade. As duas salas de informática, o “projeto tecer”, que usa o trabalho manual para atrair os jovens, e a padaria artesanal, que começa a funci-



Foto: Prefeitura Municipal

onar em breve, são as boas novas da educação local. O prefeito Esdras Igino, um jovem de 34 anos que está em seu segundo mandato, assumiu pela primeira vez aos 26 anos. Ele abandonou a carreira de advogado em Ribeirão Preto para voltar à vida pública em prol da cidade e é sincero ao dizer que está quase tudo por fazer.

Um terço da cidade não tem asfalto, mas a licitação já está em andamento. Os domicílios têm 100% de água encanada e coleta de esgoto, mas é preciso construir uma caixa d'água elevada para garantir o abastecimento. O financiamento foi solicitado ao governo federal. Quanto ao tratamento de esgoto, a cidade foi incluída no Projeto Água Limpa do governo de São Paulo. Até meados de 2006 deverá estar com a sua estação de tratamento pronta. O projeto, já aprovado, para construir 64 casas no sistema mutirão vai resolver parte do déficit habitacional, que é de 300 moradias.



Com 6.500 moradores, sem indústrias nem comércio representativo, gerar empregos é um desafio. Cerca de 1.500 pessoas moram na zona rural e trabalham lá mesmo. A criação de galinhas poedeiras é predominante, principalmente no distrito de Mombuca. A maioria dos trabalhadores sai da cidade para trabalhar em indústrias e usinas de cidades vizinhas. Apenas 10% trabalham diretamente com agricultura.

A cidade está comemorando a construção de um aterro sanitário privado na cidade, um investimento de R\$ 10 milhões que vai gerar 150 empregos diretos. O aterro, nos moldes do que já funciona na cidade de São Paulo, vai utilizar as mais modernas tecnologias disponíveis no mercado e pretende atender cerca de 80 municípios da região.

Uma das grandes frustrações da população é não ter a Celpav Celulose e Papel, do grupo Votorantim, instalada na cidade. Ela está a 500 metros da divisa. Mas agora uma empresa terceirizada de logística, que presta serviço à empresa, vai instalar um entreposto para aproveitar a linha ferroviária Araraquara-Barretos. Com estas pequenas vitórias Guatapará espera que ao atingir a maioria, em 6 anos, possa oferecer uma qualidade de vida melhor do que a existente hoje, semelhante àquela que havia no século XIX, onde havia trabalho para todos, época onde até companhias teatrais incluíam a fazenda em suas turnês.